

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1917), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1913, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Boletim* e *Região*. Entre suas obras publicadas estão *Os Poetas do Ceará* (1917), *Os Poetas do Ceará* (1918) e *Os Poetas do Ceará* (1919).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, apresentada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, sob a orientação do professor doutor José de Sá. Quando foi eleito presidente do conselho, organizou a primeira reunião da Academia. Com a ajuda de Leonardo Melo, organizou a primeira reunião do conselho acadêmico, ocasião em que se reuniu a primeira sessão da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMATE

LEONARDO MELO
1917

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proconceito
Recupera novos ideais,
Trazendo a fim a unidade,
Magnanimo à Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria à Glória conduz.

O céu se veste de estrelas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

SOARES BULCÃO

José Pedro Soares Bulcão nasceu em 13 de maio de 1873, em Uruburetama, Ceará, e faleceu em Fortaleza no dia 17 de julho de 1942, aos 69 anos de idade. Foi um jornalista polêmico, político de destaque e orador, tendo exercido dois mandatos de deputado na Assembléia Estadual do Ceará (1921 a 1928).

Foi poeta renomado e, segundo Raimundo Girão, “as suas produções líricas, muito bem limadas, encerram o espírito de acrisolado sentimentalismo e invencível melancolia...”. Estreou na poesia em 1910 com o original adagiário poético *Parêmias*, (*Filosofia popular em versos*). Dedicou-se ao estudo da História e da Genealogia do Ceará, publicando as seguintes obras: *Cartas políticas de Solon Pinheiro*, 1912; *As lutas do Ceará*, 1914; *A função dos partidos e o dever partidário*, 1925; *Anastácio Braga, sua vida e sua obra*, 1928; e o *Comendador João Gabriel (A origem do nome Acre)*, 1932. Deixou uma obra inédita *Heliantus*.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922 por ocasião da primeira reorganização do sodalício, ocupando a cadeira número 13, cujo patrono na época era Martinho Rodrigues. Não foi lembrado para compor os sócios da academia na reorganização efetuada em 1930, fazendo parte do grupo dos “injustiçados”. Pertenceu ao Instituto do Ceará e ao Centro Literário.

ALBUM DE HIRAM

IV

*Não convém quebrar cabeça,
Quem vencer primeiro estuda:
Para chegar mais depressa,
- Mais vale quem Deus ajuda.*

XIII

*Quem o bem fez, bem espere,
E o mal também, se é devido:
Porque – quem com ferro fere
Com o ferro será ferido.*

XVII

*Quem censura, é mister que ouça
Primeiro a voz do seu ninho:
- Quem tem telhado de louça
Não joga pedra ao vizinho.*

XXI

*Nem sempre o que é forte medra;
Vence o fraco se perdura;
- Água mole, em dura pedra,
Tanto bate até que fura.*

LXXXIII

*Quem mente só por falar,
Pode se ver num arrocho,
Pois é mais fácil pegar
O mentiroso que o coxo.*

FONTE: BULCÃO, SOARES. *ALBUM DE HIRAM*. IN: _____. *PARÉMIAS*. LISBÔA: A EDITORA, 1910.
P. 25, 29, 31, 33, 64.

SONETO

*Gentil senhora, versos me pedis,
E, por servir-vos, minha pobre musa
Que há muito anda arredia, hoje, confusa,
Acode, e só por vós, lesta e feliz.*

*Versos!... quanta beleza o verso diz...
Mas, quanta vez, senhora, a rima intrusa,
Doira a mentira por lisonja e, escusa,
Foge à justiça por maldade ultriz!...*

*Antes, senhora, a prosa rude e austera,
O silêncio que fala, a expressão muda
De um gesto que diz tudo sem falar;*

*Antes, de certo, esta mudez sincera
Do olhar que um outro olhar penetra e estuda...
- A expressiva mudez do vosso olhar.*

FONTE: VICTOR, HUGO. *SONETOS CEARENSES*. FORTALEZA: IMP. OFICIAL, 1938. P. 185.

O AMOR

*Amor que despedaça e que devora,
Que as próprias carnes, rindo, dilacera,
Amor que tem os ímpetos de fera,
E a covardia que se humilha e chora;*

*Amor que aceita o vil desprezo, e, embora,
Desprezado jamais se desespera,
Que vive só dessa fatal quimera,
E na própria desgraça se avigora;*

*Amor que sofre o escárnio perdoando,
Orgulhoso de todas as misérias,
De todas as vergonhas triunfando;*

*Amor, enfim, que só de amar se ufana,
Veneno n'alma, incêndio nas artérias,
- É a excelsa glória da fraqueza humana!*

FONTE: BULCÃO, SOARES. O AMOR. REV. ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, FORTALEZA, v. 58, n. 26, p. 267, 1954.

LIBOMARXUQ

VIA ET VITA NOSTRA

Amor que sofre o escárnio perdoando,
Orgulhoso de todas as misérias,
De todas as vergonhas triunfando;

Amor, enfim, que só de amar se ufana,
Veneno n'alma, incêndio nas artérias,
- É a excelsa glória da fraqueza humana!

Amor que sofre o escárnio perdoando,
Orgulhoso de todas as misérias,
De todas as vergonhas triunfando;

Amor, enfim, que só de amar se ufana,
Veneno n'alma, incêndio nas artérias,
- É a excelsa glória da fraqueza humana!

